

## Profetas da chuva quixadaenses: ancestralidade, cultura popular, oralidade, memória, resistência

Yls Rabelo Câmara<sup>1</sup> 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ce, Brasil

### Resumo

Por meio deste artigo, apresentamos os Profetas da Chuva, atores sociais imprescindíveis no sertão nordestino, mormente no cearense – agentes populares que simbolizam a ancestralidade e a resistência, a tradição e o saber vetusto dos sertanejos e que se transmitem geracionalmente, por meio da oralidade, há séculos. Para ancorar nossa investigação – uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório – baseamo-nos nos trabalhos acadêmicos de investigadores da área, tais como: Almeida (2018), Pereira (2019), Santos (2019) e Taddei (2015). Concluimos que o estudo dos Profetas da Chuva é de imprescindível valia, mesmo que contemos com tecnologia suficiente de instituições governamentais para fazer as mesmas previsões que eles prognosticam. Preservar e difundir esse conhecimento ancestral é insistir na resistência, acreditando que saberes mais atuais podem e devem dialogar com os mais antigos em prol da preservação da memória e da cultura nordestina.

**Palavras-chave:** Profetas da Chuva. Memória. Oralidade. Saberes Ancestrais. Sertão Nordeste.

### Rain prophets from Quixadá: ancestry, wisdom, memory, orality, and resistance

#### Abstract

Through this article, we present the Prophets of Rain, essential social actors in the Northeastern hinterland, especially in Ceará – popular agents that symbolize the ancestry and resistance, tradition and ancient knowledge of the hinterlanders and that have been transmitted generationally, through orality, for centuries. To anchor our investigation – a research of a basic nature, with a qualitative approach and an exploratory objective – we base ourselves on the academic works of researchers in the area, such as: Almeida (2018), Pereira (2019), Santos (2019) and Taddei (2015). We conclude that the study of the Rain Prophets is invaluable, even if we have enough technology from government institutions to make the same predictions they predict. Preserving and disseminating this ancestral knowledge is to insist on resistance, believing that more current knowledge can and should dialogue with the oldest in favor of preserving Northeastern memory and culture.

**Keywords:** Rain Prophets. Memory. Orality. Ancestral Knowledge. Northeastern Hinterland.

## 1 Introdução

Entendendo a importância dos Profetas da Chuva<sup>1</sup> para os povos e comunidades do sertão como representantes que são da ancestralidade e da resistência quanto ao saber vetusto que trazem consigo, apresentamos, neste trabalho acadêmico, um estudo desses agentes sociais imprescindíveis para esta que é região mais assolada pelas secas em nosso país: a região Nordeste.

Destarte, esse artigo está dividido em quatro partes, a saber: na primeira, mostramos como o Nordeste brasileiro nem sempre foi árido e – até certo ponto – inóspito como o temos hoje; na segunda, apresentamos quem são os Profetas da Chuva e qual a sua importância para os nossos sertanejos; na terceira e última, delineamos como o conhecimento sobre eles se difundiu em nossos sertões, inclusive congregando pequenos e grandes proprietários rurais com Profetas da Chuva e técnicos e estudiosos em eventos anuais na cidade de Quixadá, no Sertão Central cearense.

1

## 2 Metodologia

Embora anfitrião eventos que reúnem Profetas da Chuva de todo o Nordeste brasileiro, a cidade de Quixadá, no Sertão Central cearense, conhecida por sua tradição quanto a esses arautos do sertão, não é contemplada o suficiente com estudos acadêmicos sobre esses agentes populares da divinação climatológica. Levantando bibliografia para esta pesquisa, confirmamos que, atualmente, a Paraíba é o estado brasileiro que mais investiga sobre esse fenômeno, com diversos trabalhos publicados em forma de artigos, monografias, dissertações e teses.

Sendo assim, como ora fazemos parte do quadro docente da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (Feclesc), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (Uece) na cidade de Quixadá, sentimo-nos instigadas a estudar esses homens especialmente marcados pela sabedoria popular, uma vez que esse

---

<sup>1</sup> Apesar de este ser um substantivo comum e, portanto, devendo ser grafado em letras minúsculas, levando em consideração sua importância e à guisa de homenagem a eles, de maneira particular, neste trabalho, o grafamos com as iniciais maiúsculas (Nota da Autora).

tipo de conhecimento, estudado por nós no pós-doutorado, realizado também na Uece, plasmado na figura das rezadeiras da periferia de Fortaleza, parece-nos, além de interessante, genuíno e merecedor do olhar mais cuidadoso da Ciência.

Após o levantamento bibliográfico que se estendeu por um mês, demos início à coleta de dados, que se iniciou em fevereiro de 2020, mas que ficou truncada devido à pandemia do Sars-CoV-2 que ainda perdura. Tendo como *locus* a cidade de Quixadá e 30 (trinta) homens de 72 (setenta e dois) a 80 (oitenta) anos como sujeitos de pesquisa, foram realizadas 23 (vinte e três) das 30 (trinta) entrevistas semiestruturadas planejadas. Estamos aguardando a possibilidade de que uma vez amainada a situação pandêmica ora em curso, possamos retomar este estudo, concluindo-o. Trata-se, portanto, de uma investigação de abordagem qualitativa, cujas respostas obtidas estão sendo guardadas digitalmente e os elementos suprasegmentais apresentados pelos entrevistados, anotados em diário de campo.

Para a captação de entrevistados, já que não conhecíamos nenhum profeta da chuva antes desta experiência, contamos com a técnica de amostragem *Snowball Sampling* (BAILEY, 1994), não probabilística e usada em pesquisas quando os sujeitos objeto de estudo indicam outros até que se atinja o ponto de saturação e as informações comecem a se repetir, sem que haja acréscimo de elementos novos e relevantes à análise. Conforme Bardin (2013), o *Snowball Sampling* utiliza cadeias de referência de dados que se interligam formando uma rede, uma vez que consegue coletar a maior quantidade de informações válidas sobre os membros desta.

As entrevistas até agora feitas foram realizadas nos ambientes indicados pelos próprios informantes (como suas residências ou comércios e nas praças da cidade). Para cada um deles foram explicados os objetivos da pesquisa e a importância de sua participação nela, podendo dela desistir a qualquer momento sem prejuízo para eles. As entrevistas semiestruturadas contêm trinta perguntas sobre aspectos climáticos e seus câmbios nos últimos tempos, experiências de inverno<sup>2</sup> e detalhes de suas vidas pessoais. O conteúdo das gravações será

---

<sup>2</sup> Experiências de inverno são mecanismos pelos quais os sertanejos preveem chuvas ou secas (Nota da Autora).

transcrito e as anotações no diário de campo transferidas digitalmente para que o material seja estudado em conjunto pela Análise de Conteúdo de Bardin (2013), que busca interpretar nas entrelinhas o que está oculto no discurso.

Estamos, neste exato momento, na parte final da coleta de dados, mas apraz-nos compartilhar com a comunidade de estudiosos que se debruçam sobre esses atores sociais, assim como com todos os que se interessam pelo tema, nossa pesquisa em andamento.

1

### 3 Resultados e Discussões

#### 3.1. E o mar virou sertão...

Tal como defende Pereira (2019), a variação climática no Nordeste brasileiro se dá pela confluência das massas de ar do Atlântico Norte com as do Atlântico Sul. Além disso, frentes frias, o vórtice ciclônico e as ondas de leste também influenciam. Inquestionavelmente, o Nordeste é a região do Brasil que mais sofre com o fenômeno das secas, principalmente nas zonas semiáridas, e aqui destacamos o estado do Ceará. Isso é consabido, ainda que nem sempre tenha sido assim – o sertão já foi mar, segundo Funes *et al.* (2018, p. 25, 43):

Por volta da era mesozoica, grande parte do atual Nordeste foi coberta por mares interiores. Com o último grande deslocamento das placas tectônicas e o enrugamento da crosta terrestre, as águas foram para fora e o que era mar foi se tornando um grande sertão [...] As marcas desta transformação, de longa duração, são perceptíveis em vários lugares, como no Cariri cearense, onde estudos geológicos e arqueológicos têm revelado dados quanto às temporalidades daquelas formações rochosas, sua flora e fauna: peixes, insetos, e vegetais fossilizados.

Assim, o mar virou um sertão de um milhão e duzentos mil quilômetros quadrados; árido e muitas vezes adverso, possui um ecossistema diferenciado – a caatinga com cactáceas e florestas anãs de árvores, onde predominam plantas arbustivas e outras típicas dali como, por exemplo: carnaúba, buriti, umburana,

angicos, favela, aroeira, quixaba, cumaru, xique-xique, baraúna, coroa de frade, algaroba, freijó, pinha, coqueiro, catingueira, mulungu, pau d'arco, gameleira e juazeiro (FUNES *et al.*, 2018; PEREIRA, 2019; SANTOS, 2019).

Em termos geográficos, consoante *Funes et al.* (2018), o sertão nordestino é uma sub-região que compreende uma extensa faixa de terra nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe e possui seis polos distintos: Fortaleza, Petrolina, Juazeiro, Mossoró, Juazeiro do Norte e Sobral. Uma característica que diferencia o sertão brasileiro dos diversos semiáridos do mundo é que zonas úmidas o margeiam, não um deserto, e isso explica suas peculiaridades biomáticas e a atipicidade demográfica, com predomínio do clima tropical semiárido, que tem variação de temperatura entre 25 e 30° C, onde predominam duas estações: a seca e a chuvosa (sendo essa de apenas três ou quatro meses – se tanto).

Nesse universo de frequentes estiagens, a chuva é esperada com um grau de ansiedade que vai do razoável ao alto. A esperança de que haja um “bom inverno”<sup>3</sup> é compreensível, especialmente se considerarmos os agricultores e pequenos pecuaristas que necessitam das águas abundantes das chuvas para o exercício de seu labor. Para saber antecipadamente como será o “inverno”<sup>4</sup> daquele ano ou do ano seguinte, a fim de se preparar para a semeadura e para a engorda dos animais, é comum que os sertanejos recorram às experiências de inverno realizadas e interpretadas – muitas vezes – pelos Profetas da Chuva: homens rústicos e, via de regra, sem educação formal nem cultura livresca, que se utilizam do conhecimento ancestral empírico a eles repassado oralmente para observar a natureza e inferir sobre a estação chuvosa presente ou seguinte, se haverá “inverno” ou não.

### 3.2 Profetas da Chuva: quem são e porque são importantes

<sup>3</sup> Um “bom inverno”, para os nordestinos, significa “uma boa estação chuvosa” (Nota da Autora).

<sup>4</sup> Por sua localização geográfica, o sertão cearense não conhece o “inverno”. Esse substantivo é erroneamente utilizado como sendo o da estação de chuvas, entre janeiro e março - normalmente (Nota da Autora).

Os Profetas da Chuva são atores sociais imprescindíveis nesse ambiente. Agindo como arautos, baseando-se em suas “experiências de inverno”, esses homens<sup>5</sup> tocados pela sensibilidade de observar a natureza e a partir dela extrair prognósticos de chuva ou de estiagem, atenuam a rispidez da vida em rincões muitas vezes inóspitos desta região tão castigada pela desgraça que as secas sazonais acarretam, trazendo esperança onde ela é sempre bem-vinda. Sua presença no interior do Nordeste brasileiro, como referência do saber etnoclimatológico ancestral para seus conterrâneos, simbolizam a sabedoria do homem do sertão que, nos dias que correm, segue igual de acreditada – especialmente pelos pequenos proprietários rurais, que não confiam nas previsões da Fundação Cearense de Meteorologia – Funceme (SOUSA, 2017).

Segundo Bruno e Martins (2008, p. 2), “Frente à previsibilidade disputada pelo discurso científico, a fala do profeta se situa no limiar entre a religião e a ciência, a crença e o conhecimento.”? Nesse entre lugar, situado a meio caminho entre o empirismo popular e a comprovação científica, esses homens de pouca escolaridade, “[...] personagens do folclore capazes de interpretar os sinais oferecidos pela natureza e traduzi-los em previsões meteorológicas” (SOUSA, p. 48, 2017), alimentam a superstição e a crença dos sertanejos.

Esse conhecimento, contudo, não é inerente somente a esses homens, à luz de Gonçalves e Bertino (2018): normalmente, os nordestinos, mormente os sertanejos, conhecem alguma das inúmeras técnicas de previsão de chuvas que fazem parte de um vasto repertório de conhecimento ancestral, transmitido geracional e oralmente e que remonta à Idade Média, trazido pelo elemento colonizador, e que já era comum entre nossos autóctones, que observavam a natureza com o intuito de desenvolverem sua agropecuária de subsistência.

Mesclando seu saber ao dos indígenas, os europeus que para cá rumaram com o intuito de explorar a maior colônia portuguesa na América ou nela viver em degredo, formaram um amálgama de cultura climatológica popular que o tempo foi

---

<sup>5</sup> O ambiente das profecias da chuva é essencialmente falocêntrico. Apesar de também termos profetisas da chuva, quando nos referimos ao tema, elas são englobadas como “profetas”. São também bem menos numerosas do que seus pares masculinos (Nota da Autora).

moldando e mesclando com o saber dos escravizados africanos que para cá vieram traficados a partir de 1536 e que também necessitaram desse conhecimento prático enquanto viveram em suas terras natais, onde mantinham uma pequena lavoura e uma pequena pecuária (ALMEIDA, 2018).

Os Profetas da Chuva vão mais além da observação dos sinais que a natureza lhes mostra: são capazes de decifrar outros em conjunto e não somente se baseiam na natureza para elaborar essas previsões: seus corpos também avisam sobre as mudanças climáticas que estão por vir: alguns deles têm manifestações somáticas como reumatismo, nevralgias, dores de cabeça e de dente, indisposição e outros males que lhes assegura a certeza do vaticínio (SANTOS, 2019).

A bem da verdade, eles estão em todo o Nordeste. Contudo, afinando esse contingente, há sítios que são particularmente famosos por sua presença e atuação, como a cidade de Quixadá, no Sertão Central cearense, terra do grande Açude do Cedro e *locus* de observações ufológicas famosas mundialmente, além de ser um polo universitário que conta com sete Instituições de Ensino Superior, entre universidades, centros universitários e faculdades públicas e privadas. Para além disso, Quixadá é um polo de turismo de aventura e um rico centro comercial e varejista, sendo também referência de urbe desenvolvida.

Para nós, que trabalhamos com o Ensino Superior nessa cidade, está sendo um privilégio conhecê-los e estudá-los. Sobre a divulgação de seus prognósticos, além de sua presença e atuação, tratamos na próxima seção.

### 3.3. Passando adiante o conhecimento dos Profetas da Chuva

Para Severino *et al.* (2016) e Gonçalves e Bertino (2018), a divulgação dos prognósticos feitos por esses profetas começou a ser feita por meio dos almanaques (com previsões astrológicas também, além de curiosidades, rezas e notícias) que vinham da Metrópole quando ainda éramos uma colônia, como o *Lunário Perpétuo* (1703), de Jerônimo Cortez (um valenciano [espanhol]), além de folhetos de cordéis e livros que foram posteriormente editados e publicados aqui, já no Império. Essa atividade conheceu franca expansão na Era do Rádio, nos idos de 1930-1940, mas

antes dela, esses materiais já eram vendidos ou doados nas festas populares, nas feiras livres semanais, nas missas, nas reuniões sociais e, posteriormente, seu conteúdo passou a ser difundido por intermédio de outras mídias.

Mesmo contando com as atuais tecnologias meteorológicas disponíveis, esse saber ancestral segue sendo respeitado no sertão nordestino. Os homens que se destinam a profetizar sobre as chuvas, segundo Taddei (2015), Gonçalves e Bertino (2018) e Pereira (2019), são muito bem-vistos e muito benquistos em suas comunidades. Juntamente com outros agentes benfeitores desses rincões desassistidos pelo Poder Público, tais como as rezadeiras e as parteiras, os Profetas da Chuva não costumam ser questionados em seus prognósticos. O que preveem é, invariavelmente, aceito como verdade incontestada, haja vista sua experiência com a observação da natureza e suas passadas previsões – normalmente cumpridas.

Apesar do prestígio que gozam, percebemos que os jovens, muitos deles descendentes desses arautos sertanejos, já não se interessam tanto em seguir este caminho e abraçar esta vocação, uma vez que outros apelos os chamam, tais como as novas tecnologias, as mídias digitais, um maior acesso à educação formal e, conseqüentemente, mais e melhores possibilidades de empregos que geram mais renda e em locais mais amenos para se viver.

Apesar de haver reuniões desses homens em vários pontos do Nordeste, há algumas que são particularmente conhecidas, como o Encontro dos Profetas Populares da Chuva, nos arredores do Açude do Cedro (em Quixadá), que ocorre no segundo sábado do ano desde 1997, com agricultores dos mais diversos rincões do estado. Esse evento é organizado pelo engenheiro Hélder Cortez e pelo Centro de Diretores Lojistas (CDL), de acordo com Taddei (2015) e, segundo Bruno e Martins (2008), atrai também técnicos da Funceme e meteorologistas amadores.

O objetivo norteador desse encontro é, pois, colocar no mesmo ambiente esses agentes inerentes à previsão das chuvas – cujo saber varia do empírico ao técnico e do inato ao erudito. Além desse, há também, em Quixadá, outro encontro entre Profetas da Chuvas e funcionários públicos que lidam com recursos hídricos: o Seminário de Estudos Climáticos (FOLHES; DONALD, 2007).



1

Apesar de esses encontros onde os saberes popular e técnico/acadêmico entram em diálogo, percebemos uma certa tendência que divide os presentes em dois polos distintos e antagônicos: o mais das vezes, consoante Pereira (2019), os produtores mais abastados dão preferência ao que dizem os técnicos e representantes da Funceme, enquanto os pequenos produtores, a maioria dos que a esses eventos vão, desconfiam da tecnologia que a Funceme emprega, que para eles é questionável, e se apegam ao que vaticinam os Profetas da Chuva.

Em suma, o conhecimento ancestral que os Profetas da Chuva veiculam não se prende à formalidade do ensino. Pelo contrário: está impregnado na alma do nordestino, do sertanejo, que o adquire empiricamente. Veicular esse saber é, além de contribuir para com a preservação de nossas raízes, colaborar para que essa tradição seja tratada pela Academia sem preconceitos, com acolhida e com respeito.

#### 4 Considerações finais

Ao concluirmos esse trabalho, atestamos que muito falta por averiguar acerca dos Profetas da Chuva – agentes climatológicos populares inequivocamente associados ao sertão nordestino pretérito e atual, ao Ceará, ao Sertão Central cearense e à cidade de Quixadá – fazendo referência ao saber secular e transmitido oralmente, geração após geração.

Trata-se de um coletivo ancestral que resiste à equação tempo e espaço e que bebe de nossas fontes culturais e identitárias mais genuínas porque alude ao saber que emana do povo – saber esse que é observável, comprovável e sinestésico. Com o contínuo desenvolvimento da tecnologia e seus apelos inadiáveis para nossos jovens, a função de Profeta da Chuva já não os atrai tanto agora como outrora e suas profecias estão condenadas ao lento desaparecimento se não os eternizarmos em mais estudos e mais trabalhos acadêmicos que os contemplem.

Por isso, investigações científicas como esta (ainda que inacabada a coleta de dados e, conseqüentemente, não iniciada a análise dos dados coletados por uma questão circunstancial e que foge ao nosso controle), evidenciam que a necessidade

de mostrar quem eles são, onde estão, o que fazem, como o fazem e o porquê da importância de sua *expertise* e fazer empírico faz-se mister e inadiável.

## Referências

ALMEIDA, Cassiano Matias da Silva. **Conhecimento Tradicional e Profecias de Inverno e Seca em Comunidades Rurais no Município de Alagoa Grande/PB, Nordeste do Brasil**. Monografia (TCC). Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Geografia, Curso de Licenciatura Plena em Geografia, 117 f., Guarabira, Paraíba, 2018.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2013.

BAILEY, K. **Methods of Social Reached**. 4. ed., New York: The Free Press, 1994.

BRUNO, Fernanda; MARTINS Karla Patrícia Holanda. Profetas da Natureza: ver e dizer no Sertão. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 18, p. 1-12, janeiro-junho, 2008.

FOLHES, Marcelo Theophilo; DONALD, Nelson. Previsões Tradicionais de Tempo e Clima no Ceará: o conhecimento popular a serviço da Ciência. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 19-31, dezembro, 2007.

FUNES, Eurípedes; ROSA, João Guimarães. E o Mar Virou Sertão. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; BRAGA, Ricardo Augusto Pessoa; LIMA, Rozeane Albuquerque; MEDEIROS, Salomão de Sousa (Org.). **O Encolhimento das Águas**. INSA, 344 f., 2018.

GONÇALVES, Tiago Cargnin; BERTINO, Raimundo Daldenberg Pereira. Sinais da Natureza Profecias e Previsões Meteorológicas no Sertão do Pajeú. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 35, n. 1 (Especial), p. 30-39, 2018.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>  
Acesso em: 20 de dez. 2020.

PEREIRA, Edson Barbosa. **Etnoclimatologia e a Percepção dos Agricultores sobre as Experiências de Chuvas e Secas em Serra de São Bento/RN, Nordeste do Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Geografia, Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Guarabira, 74 f., 2019.

SOUSA, Mateus Leme de. **Experiências de estudantes no contexto do vestibular: narrativas e memórias sobre a preparação para os exames**.

Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 162f., São Paulo, 2017.

SANTOS, Elaine Cristina. **A Etnoclimatologia e os Agricultores no Município de Pinhõesinhos (Paraíba, Nordeste do Brasil)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Geografia, Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Guarabira, 33 f., 2019.

SEVERINO, Cristiany Assis; SOARES, Ana Paula Vilela; ROCHA, Daniella Medeiros Moreira; SOUZA, Ildeth Dias. Profetas da Chuva – A Cultura Brasileira Expressa pela Moda. **Revista de Trabalhos Acadêmicos - Campus Niterói**, n. 13, p. 1-13, 2016.

TADDEI, Renzo. Os Profetas da Chuvas do Sertão como Produção Midiática. **Anais. Latin American Studies Association**, 14f., 2015.

---

<sup>i</sup> Yls Rabelo Câmara, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2009-5022>

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

É hispano-brasileira, é Pós-Doutora em Educação (UECE), Doutora e Mestre em *Filologia Inglesa* (Universidad de Santiago de Compostela), Especialista em Ensino de Espanhol/LE (Ateneu), Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras–Inglês (UECE) e Licencianda em Letras Espanhol, Pedagogia e História (Estácio). É professora de inglês da FECLESC/UECE e dedica-se à investigação dos costumes, literaturas, mitologias e folclores dos povos de fala portuguesa, inglesa e espanhola.

Contribuição de autoria: levantamento bibliográfico, coleta parcial de dados e escrita do trabalho.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6496730755775148>

E-mail: [ylscamara@hotmail.com](mailto:ylscamara@hotmail.com)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

### Como citar este artigo (ABNT):

CÂMARA, Rabelo Yls. Profetas da chuva quixadaenses: ancestralidade, cultura popular, oralidade, memória, resistência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.